

## EU E DEUS

**Professor:** Franklin Leopoldo e Silva

**Monitor:** Guilherme Peres

**Sala:** Verde

### Aula 4 - Bergson

Deus, o homem e o tempo: a participação humana no processo infinito de criação divina - 16/11/2011

Henri Bergson (1859-1941) é autor de uma filosofia inovadora, nascida de um contexto histórico de reação à vertente neokantiana. Depois de Kant, novas ciências surgiram, com destaque para a sociologia e a psicologia, e trouxeram novos problemas, equacionados a partir da sistemática do filósofo prussiano. Diante dessa situação, temos a corrente que tenta realizar essa adaptação, em grande parte como uma epistemologia.

Uma linha de forte influência para Bergson foi o positivismo de Augusto Comte. O estágio científico que a humanidade se encontrava (definido por Kant como a "maioridade da razão") era o final da linha evolucionista do pensamento, que havia passado por três estágios (mítico-religiosa, metafísica e positiva). Para Comte – e os positivistas –, todo conhecimento que não for fundado em regras claras e específicas não é aceito, apenas aquilo que pode ser atestado.

Bergson coloca em questão o predomínio intelectual dessas concepções de maneira radical. Para ele, não adiantava adaptar Kant, mas seria preciso deixar de falar a língua kantiana. Isso corresponde também a uma nova condição de sujeito diante do objeto (inclusive o próprio objeto): uma das coisas apontadas do ponto de vista metodológico é que o exame do problema não é apenas a busca por sua solução, mas a reformulação da pergunta, ou nunca se escapará do sistema kantiano.

Aqui, o próprio estilo de pensamento está em questão, e dentro desse contexto a Teoria da Evolução exerce um papel fundamental. Bergson entende ser preciso uma filosofia da evolução: a História é um progresso de mudanças. A historização e o estudo do processo evolutivo são tidos como algo de muito alcance, inclusive com a aplicação desse pensamento evolucionário à totalidade do real, sendo considerado uma chave para seu entendimento. Ele acreditava que uma filosofia temporal e da existência (como a vida ocorre e se desenvolve) deve ser generalizada.

Nosso pensamento promove uma articulação da realidade, ou seja, uma tradução dela segundo as conveniências da prática e do entendimento. Ele tem essa propensão de moldar a realidade em função de nosso entendimento. Mas, se a História fosse puro fluxo, seria impossível nos prostrarmos diante dela. Somos seres presos entre passado e futuro, e precisamos de estática. Esse império do humano sobre a natureza talvez não corresponda à verdade. É preciso entender como a realidade, em sua essência, transcorre.

Mesmo a ciência tende a fugir da estática. Os evolucionistas não são fiéis ao seu pensamento. O processo não se dará através de seus resultados, eles são subsidiários do processo, e isso a ciência não consegue alcançar. A essência do real é processo, movimento, algo que o pensamento sempre procurou evitar.

## Separação entre ser e não ser

Se algo muda, ele deixa de ser, e algo que não existia, passa a existir. Isso, para a filosofia, é uma violação. Ao menos um núcleo fixo de qualidades imutáveis deve existir, alguma substância que nos deixe seguros, ou nada pode ser conhecido. Essa é uma estratégia, pois, se a realidade é processo, ela é substancialmente progresso, essencialmente mudança, e com isso não se resguarda nenhuma permanência. O efeito prático é outro trato com a realidade, um pragmatismo: o interesse no conhecimento é secundário, a paz se torna um luxo, nossa vida passa a ser pautada pela praticidade.

Há na vida um interesse imanente nela mesma, a sobrevivência, uma ideia instintiva e evolucionista. Nosso instinto age imediatamente e o pensamento por intermediações, mas ambos tem como objetivo serem úteis. É preciso então reconsiderar o processo produtor de realidade: a vida. Há nesse processo uma criação contínua, em que essa adaptação do viver vai aparecendo de forma cada vez mais evoluída.

A natureza fabrica metodicamente ou simplesmente cria. Bergson usa o exemplo do olho, ao retratá-lo como uma complexa criação com várias partes responsáveis por funções específicas, contrastando isso com a simplicidade do ato de ver, que se realiza apenas por olharmos alguma coisa. A criação espontânea e direta não deixa de ter algo de divino, mas nós vemos isso metodicamente.

O que conhecemos? A realidade direta ou análises e decomposições dessa realidade que são fruto de nossa necessidade? As formas fundamentais de percepção propostas por Kant – espaço e tempo – são questionadas por Bergson. O que é mais propício ao pensamento analítico? Conclui-se que é a perspectiva espacial, mas como temos de lidar com o tempo, nós o dividimos como o espaço, ou seja, em uma justaposição de trechos. A primeira coisa a reparar é que, se fosse assim, espaço e tempo seriam a mesma coisa. Usamos o tempo como espaço, pois ele nos é propício ao entendimento.

Se sairmos da perspectiva analítica, é possível perceber que o tempo *passa* (o anterior não existe mais). A *justaposição* é diferente da *sucessão*. A transitoriedade significa a contínua passagem do ser ao não-ser. As coisas nascem para desaparecer, e essa mistura de ser e não-ser é inconcebível para a filosofia de então. Para Bergson, vivemos em artificios e convenções, não na realidade: é preciso entendê-la para além do pragmatismo, passar da realidade segmentada para a rebeldia do processo ante nosso entendimento. Se a realidade é processo, ela é de essência temporal.

O espaço passa a ser então uma convenção, com o mundo sendo presença e representação dessa presença nas categorias de existência (pensamento e intelecto). A evolução nos fez de maneira que vivêssemos no mundo de forma confortável e se dividiu em uma linha de instinto (como a formiga ou a abelha, que vivem de forma automática), e outra intelectual, ferramenta que adapta a realidade para que ela nos sirva. O ser vivo existe transformando o mundo em seu habitat. Perceber é enxergar a serventia de algo, e o mesmo acontece com o intelecto ao teorizar algo para que este lhe sirva.

Seguindo as premissas de Kant, a metafísica é racionalmente incompreensível, mas se pensarmos de modo a escapar esse regulamento, ele está errado. A filosofia nunca

compreendeu o tempo, pois nunca escapou desse pensamento. Se analisarmos o tempo, ele nos escapa. Bergson propõe então a necessidade de se desenvolver um pensamento que compreenda o tempo não objetivamente, não de forma espacial.

Esse novo pensamento é o que Bergson chama de *intuição*. O conhecimento analítico e estático não é apropriado para certas realidades, principalmente o tempo, a realidade essencial. Se definirmos a intuição, ela se torna ferramenta. Seu papel não é nos colocar diante do real, mas nos incluir nele, coincidir-nos, não construir objetos que nos aparecem como conhecimento (que são lógicos, pois os construímos, e nada mais natural ao artifice do que o artifício).

Da intuição, parte-se para a *consciência*, objeto que se alcança pela mediação do conhecimento. Esse esforço será pela ordem dos *dados imediatos* (o que a consciência pode nos revelar quando entramos em contato com ela). O esforço para nos libertarmos desse antigos hábitos é enorme, e ela existe em nós de forma inerente no pensar, e é constitutiva do nosso ser.

Para Bergson, há uma torção que podemos fazer: a intuição não acontece, ela é um esforço para nos aproximar parcialmente da compreensão. Se abstrairmos as suposições que constituem as mediações que nos alienam e nos aproximarmos de nossa consciência, ela se apresentará como algo mais adequado para o conhecimento direto de nós mesmos, em vez de nos tratarmos como objeto distante. Não somos uma entidade, mas uma continuidade, uma manifestação temporal, e nossa consciência é o fluxo desse tempo e, portanto, inapreensível pela análise. Ele nos compara com uma melodia, um fluxo em que as partes e o todo estão intimamente relacionados. A *duração* é o sentimento dessa temporalidade, dimensão subjetiva na qual somos nós mesmos, em que qualquer tentativa de conhecimento dela a falseia.

A conclusão é de que nunca haverá exatidão (é preciso atentar que *precisão* difere de *exatidão*, uma vez que conceitos exatos não são precisos, e o preciso é ajustado a algo específico – Bergson usa o exemplo de produção de roupas em confecções (exatidão) e sob medida (precisão).

A criação é atribuída ao que Bergson chamou de *elã vital*, um processo de vida constante, infinito, que deixa no seu percurso os vestígios que procuramos entender. Sua origem ou destino são indesvendáveis, algo que Bergson tratou como “da ordem do divino, se não for o próprio deus”. Esse elã seria o tempo passando, se fazendo e fazendo tudo.

Mas como nos aproximar dele? A ciência é utilitária e a filosofia acompanhou essa índole. O que resta é a aproximação intuitiva quanto ao que nos transcende. Bergson sugere a arte, que para ele é algo antinatural, imprevisto, que produz perturbação na dimensão do exato pelo fato de o artista perceber sem mediações, apesar de não conseguir se expressar, por aquilo que vê não caber na forma. Diante da obra de arte, pensamos o que não pensaríamos, não fosse aquilo. O artista tem a capacidade de expressar através de formas o que não é forma (um tanto se perde, mas não tudo).

Nós procuramos explicar a existência em função de uma vida pacífica. Por isso, artistas e místicos não são vistos como normais, pois eles põem em xeque o instituído, mostram que existem outras formas de pensar. Bergson os considera uma espécie de um

único indivíduo, pois é diferente de nós, e sua ação retroage sobre os demais. Para o novo pensamento, a solução seria partirmos de uma moral fechada, fundamentada na perspectiva social e histórica, para uma moral aberta, seletiva, mas que possibilita a descoberta.

**Observação:** *Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*